

PELO SABER PODE-SE MUDAR O RUMO DESSA HISTÓRIA

Maria Auxiliadora Peixoto
auxiliadora.peixoto@gmail.com

Resumo

Este artigo é uma reflexão sobre o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, que têm como gérmen a Educação Ambiental e as idéias e ideais do Instituto Paulo Freire, na figura de seus diretores e colaboradores. Tal reflexão procurará esclarecer as concepções de sustentabilidade, cidadania planetária e ecopedagogia, pela ótica da pedagogia da práxis que perpassa os conteúdos curriculares e que, não como um modismo, procura eco nas instituições que formarão as futuras gerações. Assim, entendendo que todas as pessoas são responsáveis pela garantia ou melhoria da qualidade de vida, e conscientes de que o empenho dos indivíduos em favor dessa qualidade passa pela escola, é de vital importância desenvolver um trabalho pedagógico que faça sentido para o aluno, que seja voltado para o seu cotidiano e para a sobrevivência de todo o planeta. Nessa perspectiva, o processo educativo inovador deverá servir à sociedade, promovendo junto a seus alunos um maior grau de consciência e sensibilidade.

Palavras-chave: ecopedagogia, sustentabilidade, cidadania planetária.

Introdução

Neste início de um novo século, vivemos a situação paradoxal em que o crescimento econômico não veio acompanhado de diminuição dos níveis de pobreza. Além disso, o aumento do consumo em parcela da população tem provocado significativo impacto ambiental. “A crise ambiental não é crise ecológica, mas crise da razão” (Leff, 2002, p. 217). Crise da razão por explorar a natureza e impor uma irracionalidade econômica sobre o homem, que pode levá-lo ao impasse: ou muda-se o modelo econômico ou todos perecerão.

Mais do que nunca, nossa responsabilidade com a sustentabilidade de todas as formas vivas do planeta é maior já que, como autores de nossa história, somos capazes de transformar, para o bem e para o mal, os rumos da evolução das espécies. Assim fica posto o desafio: que mundo é este? Qual é a minha participação nele?

Para respondermos estas questões, precisamos de uma pedagogia que construa novos paradigmas de cidadania e sustentabilidade. Diz-nos Gadotti: “Qualquer pedagogia, pensada fora da globalização e do movimento ecológico, tem sérios problemas de contextualização e de sustentação” (in Ferraro Júnior, 2005, p. 242).

Sabemos que a escola pode confirmar as relações de poder da sociedade, mas pode também, pela sua condição de veículo disseminador do *saber*, criar as condições para a discussão sobre *que rumo vamos dar a nossa história*, porque o processo educativo é também um processo dialético; o conflito pode produzir transformação e, dessa transformação, novas formas de organização, no caso, a conscientização do “estar no mundo e com o mundo” (Freire, 1996, p. 28) como ser crítico e atuante.

Quando voltada para seu papel de reformuladora da sociedade, a escola pode oferecer uma aprendizagem cidadã e contribuir para diminuição das deficiências e injustiças, promovendo um maior grau de consciência e sensibilidade aos seus alunos.

Esta nova pedagogia, que teve sua origem na “educação problematizadora” de Paulo Freire como educação para o sentido da própria aprendizagem, é defendida por pesquisadores e pensadores de destaque ligados ao Instituto Paulo Freire, como Francisco Gutiérrez, Moacir Gadotti e Leonardo Boff, que divulgam a Ecopedagogia, não para que seja mais um modismo, mas como prática a nos orientar na perspectiva da emancipação da cidadania planetária, atendendo aos propósitos de construção de uma nova ética para uma nova realidade, disseminando seus princípios e idéias como forma de gerar reflexões sobre os caminhos que a humanidade deve trilhar nas próximas

décadas. Por essa necessidade de conjugar a aprendizagem com a vida cotidiana é que Francisco Gutiérrez e Cruz Prado (2008, p. 45) propõem desenvolver:

- a) a capacidade de compreender e recriar o novo contexto socioambiental pelo conhecimento de suas causas e conseqüências;
- b) a capacidade de relacionar a ecologia do eu com as exigências da nova cidadania ambiental;
- c) a capacidade de sentir e expressar a vida e a realidade tal e como deve ser sentida e vivida.

Cidadania Planetária

A Ecopedagogia é um processo educativo que privilegia a democratização do ensino, ou seja, a *autonomia* e a *participação*, buscando levar as experiências pessoais e o cotidiano do aluno para dar sentido a sua aprendizagem. “Quando os participantes de um grupo encontram sentido para seu agir, para o seu caminhar, o processo tem sua meta assegurada” (Gutiérrez, 2008, p. 53). Considerando as práticas individuais e coletivas, as experiências pessoais dos alunos e o diálogo entre os saberes e estas práticas, podemos projetar o aluno para uma mudança de postura, possibilitando um olhar crítico de suas atividades, remetendo-o a um compromisso coletivo de responsabilidade com o meio ambiente em que vive. Para Paulo Freire: “O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (1996, p. 59).

O processo educativo da Ecopedagogia envolve um conjunto de conhecimentos e atores do universo escolar numa perspectiva transdisciplinar, qualificando nossos alunos para alcançarem uma posição crítica face à problemática ambiental.

Sabemos, também, que a formação do professor é marcada pelo antagonismo entre teoria e prática. A reformulação dos currículos seria a ponte para se fazer escolhas com relação a nova ordenação, privilegiando os saberes socioambientais significativos em detrimento de conteúdos vazios e sem contextualização.

Esta revolução não acontecerá sem a reelaboração dos currículos escolares, pois a transdisciplinaridade requer uma mudança estrutural nas disciplinas escolares, para que estas façam sentido no cotidiano dos alunos e exija dos educadores postura ética, segurança e comprometimento.

Segundo Gadotti (1998*): “Sem dúvida, a ecopedagogia também deverá influenciar a estrutura e o funcionamento dos sistemas de ensino”. Os resultados dessa renovação curricular – “território de muitas discussões e poucos acordos, pois o currículo está intrinsecamente relacionado às questões de poder na sociedade” (Cavalcante, in Ferraro Júnior, 2005, p. 119) – terão que ser alcançados de baixo para cima, como tudo que carece de transformação autêntica.

Essa nova “mediação pedagógica”, para além dos currículos, contempla a *cidadania planetária* como um dos eixos chave para articulação dessa nova revolução educacional. “A cidadania planetária deverá ter como foco a superação da desigualdade, a eliminação das sangrentas *diferenças econômicas* e a integração da *diversidade cultural* da humanidade” (Gadotti, in Gutiérrez, 2008, p. 23).

A cidadania planetária introduz novos fundamentos básicos da vida, possibilitando um olhar crítico e atuante frente aos novos desafios. Como diria Paulo Freire, “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (1996, p. 98). Nessa intervenção há uma conjunção de fatores éticos, estéticos, sociais, culturais, históricos e econômicos que contribuem para a criação de muitas realidades sociais; porém, mesmo sendo tão diferentes nas circunstâncias, estas sociedades têm os mesmos problemas. Esta nova pedagogia nos orienta, educadores e educadoras, a olhar para a cidadania na perspectiva da globalização, não só da informação, economia etc, mas também dos problemas, fazendo-nos lembrar que *da janela do nosso quintal é preciso enxergar o mundo*. A Ecopedagogia “forma o cidadão para participar de uma sociedade planetária” (Gadotti, 1997, p. 118), mas sem perder de vista suas raízes. Como cidadãos do planeta, devemos “promover processos de expansão, auto-organização, participação e auto-realização” (Gutiérrez, 2008, p. 89), que pois sem esses princípios não há o respeito a todas as formas de vida, das quais somos dependentes, nem o amor pela Terra/terra, da qual somos filhos e filhas.

A partir da conscientização de nossa condição de responsáveis pelas interações entre os homens, a sociedade e a natureza, postulamos realizar o desenvolvimento pessoal e coletivo de nossos alunos, sem os quais não podemos pensar a sustentabilidade e a garantia da nossa continuidade no planeta.

Sustentabilidade

A sustentabilidade de que falamos não é somente aquela “que sustenta, que concorre para a sua subsistência; proteção, defesa, arrimo”, como está nos dicionários, mas também é aquela que sustenta as condições de sobrevivência harmônica entre os seres humanos e a natureza.

Para Francisco Gutiérrez (Gadotti, 1998*):

(...) parece impossível construir um *desenvolvimento sustentável* sem uma educação para o desenvolvimento sustentável. Para ele, o *desenvolvimento sustentável* requer quatro condições básicas. Ele deve ser:

1. economicamente factível
2. ecologicamente apropriado
3. socialmente justo
4. culturalmente eqüitativo, respeitoso e sem discriminação de gênero.*

Para isso a relação homem/natureza tem que ser de respeito permanente. A sobrevivência de todas as formas de vida vai depender de nossa capacidade de compreender os princípios que regem a natureza, como os ciclos biogeoquímicos e o fluxo de energia nos ecossistemas. Para Leff: “Aprender a complexidade ambiental não constitui um problema de aprendizagem do meio, e sim de compreensão do conhecimento sobre o meio” (2002, p. 217).

A usurpação desmedida dos recursos naturais esbarra em restrições ambientais, pois como dizia Gandhi: “A terra provê o suficiente para as necessidades de todos os homens, mas não para a voracidade de todos”.

A Ecopedagogia almeja alcançar a reeducação do olhar, ou seja, uma nova leitura da realidade que farão nossos alunos dar sentido aos fatos que se passam ao seu redor. Este novo olhar deve mudar esse modo de vida insustentável, individualista, competitivo e consumista por atitudes e valores que ensinem um pensar crítico, portanto ético. Requer simplicidade, reduzir as demandas por bens supérfluos, conservar os recursos naturais para reverter o processo de deterioração da vida e do ambiente que estamos deixando para os futuros cidadãos do planeta. O maior desafio da Ecopedagogia é formar o cidadão para uma sociedade sustentável.

Leff já nos alerta para o conhecimento holístico:

A reinvenção de uma racionalidade ambiental e o diálogo de saberes que ali concorre não implicam desconhecer e abandonar a potência do conhecimento que geram as ciências, mas o reconhecer os saberes que ficaram externalizados. O que está em jogo na construção da racionalidade ambiental, na gestão são valores, interesses e afins que não são imanentes à racionalidade científica e, portanto, implicam a confluência de saberes que ultrapassam o campo do conhecimento científico. Os conflitos ecológicos e a crise ambiental não podem ser revolvidos mediante uma administração científica da natureza. (2002, p. 178)

A racionalidade científica não se mostrou capaz de conduzir um desenvolvimento com benefícios sociais, pois não democratizou nem o ensino nem as formas de produção.

Pensar o homem como ser social, adaptado ao seu meio, reproduzindo as regras impostas para alcançar seus objetivos, sejam eles éticos ou não, é um grande desafio para a nova pedagogia. Sabemos das dificuldades inerentes ao plano de mudança da ordem estabelecida.

Os ensinamentos são muitos quando se trata do discurso da sustentabilidade, mas quem quer abrir mão de seu conforto para justificar um futuro incerto? A resposta já está aí. Nas crises econômicas, sociais, ambientais e até espirituais. Quem não vê relação entre o descontrole das contas dos países desenvolvidos e a degradação socioambiental? Quem não percebe o aumento da comercialização da fé?

O preço que nossos filhos e netos pagarão pelo nosso desatino está bem representado na carta do Cacique Seattle, da tribo Duwamish, do Estado de Washington, para o Presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos:

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual a outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de exauri-la, ele vai embora. Deixa para trás o túmulo dos seus pais, sem remorsos de consciência. Rouba a terra dos seus filhos.

Nossa fundamentação para atingirmos a Ecopedagogia é um antigo provérbio chinês: “quem dá um peixe a um homem mata sua fome por um dia; quem o ensina a pescar mata sua fome pelo resto da vida”. Queremos que os nossos alunos aprendam a *pescar* informações necessárias ao seu crescimento com paz, justiça social e respeito ao

ambiente para transformá-lo em um lugar útil e agradável, pois ainda segundo Gadotti: “Se aceitamos a barbárie, acostumamo-nos a um cotidiano de violência e insustentabilidade” *(1998).

A crise socioambiental por que vem passando a geração atual tem seu fundamento na perda de valores éticos e de nossa condição de provedores do mundo natural. Daí a necessidade de levar a educação de forma crítica a todos os níveis de conhecimento, como forma de gerar reflexões sobre os caminhos que a humanidade deve trilhar nas próximas décadas.

Dadas as atuais condições em que se encontra nosso planeta, torna-se urgente o esforço da escola como meio indispensável para: a) estimular o sentimento de responsabilidade e solidariedade entre os homens e entre estes e os outros elementos da natureza; b) promover a compreensão ambiental em sua totalidade, resultante de um processo permanente de interrelação de seus elementos; c) oferecer meios que proporcionem a participação responsável e eficaz dos homens na concepção e aplicação das decisões que interferem no ambiente. Por essa necessidade de conjugar a aprendizagem com a vida cotidiana é que surge a Ecopedagogia como prática a nos orientar na perspectiva da emancipação da cidadania planetária.

Conclusão

Como todo processo de aprendizagem, este também carece de avaliação, no sentido de confirmar sua validade, que será a confirmação de que essa pedagogia não é só modismo, como já se falou, pois o sujeito desse processo de aprendizagem deve desenvolver, segundo Gutiérrez (*Gadotti,1998), as capacidades de:

- sentir, intuir, vibrar emocionalmente (emocionar);
- imaginar, inventar, criar e recriar;
- relacionar e interligar-se, auto-organizar-se;
- informar-se, comunicar-se, expressar-se;
- localizar, processar e utilizar a imensa quantidade de informação da “aldeia global”;
- buscar causas e prever conseqüências;
- criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões;
- de pensar a totalidade (holisticamente).

Neste sentido a avaliação clássica perde sentido, já que não iremos avaliar as disciplinas isoladas, mas um conjunto de saberes e atitudes que foram incorporando aos alunos, levando-os a um testemunho dessa aprendizagem.

Antevendo este cenário de transformação, nós, professores e aprendizes envolvidos com a Ecopedagogia, colocamos nossas forças e esperanças, compreendendo que não podemos só esperar que mudem as políticas públicas para que se inicie a corrente em prol da civilização e sua continuidade. Partindo de nossa realidade próxima, nossa rua, nossa escola, nosso bairro, podemos vislumbrar novos horizontes. O mundo é nossa aldeia, e o que fazemos por nossa aldeia fazemos por todos, irmãos e irmãs do planeta Terra. Somos um só povo, com os mesmos anseios de melhoria da qualidade de vida e da justiça social. O que esperamos da Ecopedagogia é que realize o sonho de Paulo Freire, na sua busca pelo “homem novo”, que já vem amalgamado pelos seus ensinamentos, e que criará a sociedade do futuro, com toda contradição, que é próprio dos homens, mas com vontade de superar todas as barreiras que se opuserem contra o seu sucesso.

Educar é um ato de liberdade. Esta noção sobre que Paulo Freire discorre tão adequadamente também é a liberdade de nossa postura como educadores. De fazermos as escolhas que possam ser coerentes com o momento histórico em que vivemos, ou seja, momento em que o planeta pede socorro. A autonomia de sermos “decodificadores, explicadores e difusores de verdades incontestes, depositadas na natureza” (Carvalho, 2004, p.81) nos garante o direito à não neutralidade sobre temas como os atuais.

Os caminhos para se fundar uma sociedade ecologicamente sustentável não pode estar atrelado à desumanização dos indivíduos. Necessitamos de um novo modelo, principalmente de economia compatíveis com a conservação da natureza – entendida como os processos e as espécies que dela se sustentam e são sustentadas.

“A emergência de novas prioridades nos obriga a superar a ciência especializada e fragmentária (...) essa nova ciência nos ensina *que o comportamento de um sistema complexo e integrado é imprevisível a partir do comportamento de qualquer de suas partes isoladamente*” (Gutiérrez, 2008, p. 117).

À medida que se vão construindo novas formas de interação com o mundo, homens e mulheres descobrem o que já sabiam seus ancestrais: a Terra é um organismo vibrante. Cada ligação que se rompe com o planeta é um desligamento da própria

humanidade com si mesma. Vão se firmando as idéias de pertencimento do sujeito com seu espaço, do todo com as suas partes. Assim nos fortalecemos contra o individualismo e conseqüentemente fortalecemos nossa identidade planetária.

Quanto às perguntas acima - que mundo é este? Qual é a minha participação nele? -, acho que a ecopedagogia procurou respondê-las. Mas além destas questões, outras se levantam, como: Se sabemos que culturalmente podemos mudar, e mudar o mundo, por que então não rompermos com as estruturas que nos oprimem? Que forças se contrapõem entre a continuidade da vida ou seu desaparecimento definitivo? Repetindo as palavras de Marcelo Gleiser em sua coluna na *Folha de S. Paulo*:

Parto da premissa de que toda forma de poluição é nociva ao planeta, à flora e à fauna, à vida em geral, independente de agravar ou não o efeito estufa. As emissões de poluentes na atmosfera, nos oceanos, rios, lagos e solos, têm de ser diminuída ao máximo. Parto da premissa de que o planeta é finito, sua capacidade de reciclar materiais tóxicos também o é e que esses vêm se acumulando em taxa crescente. Parto da premissa de que a ciência nos ensina a respeitar a natureza e a entender nossa dependência dela. Nesse meio tempo, vão se aperfeiçoando os métodos e a precisão dos modelos climáticos aumenta. O que não podemos é esperar de braços cruzados, tratando o planeta como se fosse uma lata de lixo sem fundo.

Por fim, a ecopedagogia não deve ser confundida com o projeto neoliberal de desenvolvimento sustentável, mas oferecer uma nova visão da realidade uma reeducação do modo de olhar a parte e o todo.

Referências Bibliográficas

CARTA do Cacique Seattle, da tribo Duwamish, do Estado de Washington, para o Presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos, em 1855, depois de o governo ter dado a entender que pretendia comprar o território da tribo.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

FERRARO JÚNIOR, L. A. (org). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

FERREIRA, L.C. e VIOLA, E. **Incertezas de sustentabilidade na globalização**. Campinas: Editora da Unicampi, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. e ROMÃO, J. E. (orgs). **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GADOTTI, M. **Ecopedagogia e Educação para a Sustentabilidade**. Disponível em: http://www.pa.gov.br/portal/procampo/downloads/Eco_educacao_sustentabilidade_1998.pdf *

_____. **Revista Pátio**. Ano V - nº 19, Nov. 2001/Jan. 2002.

GUTIÉRREZ, F. e PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 4ª ed. São Paulo:

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGUES, E. L. (org). “Ecopedagogia na formação do sujeito ecológico: os desafios sócio-ambientais na atualidade”. Apostila preparada para o **I Encontro Nordeste de Educação Ambiental** – Natal, 2005.

GLEISER, M. **Aquecimento Global: o debate esquentando**. Folha de S. Paulo. 12/06/2006
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1206200502.htm>

* Moacir Gadotti:

http://www.pa.gov.br/portal/procampo/downloads/Eco_educacao_sustentabilidade_1998.pdf *
Artigos e diversas reflexões debatidas em diferentes encontros e congressos e particularmente na Conferência Continental das Américas, em dezembro de 1998, em Cuiabá (MT) e durante o Primeiro Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação, organizado pelo Instituto Paulo Freire, com o apoio do Conselho da Terra e da UNESCO, de 23 a 26 de agosto de 1999, em São Paulo. Venho acompanhando esse tema desde 1992 quando representei a ICEA (Internacional Community Education Association) na Rio-92 (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento), chamada de “Cúpula da Terra”, que elaborou e aprovou a Agenda 21. No Fórum Global-92, na mesma época, coordenei, ao lado Moema Viezer, Fábio Cascino, Nilo Diniz e Marcos Sorrentino, a “Jornada Internacional de Educação Ambiental” que elaborou o “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global”. Agradeço as contribuições e sugestões recebidas, particularmente de Francisco Gutiérrez, Carlos Alberto Maldonado, Fábio Cascino, Ângela Antunes Ciseski, Paulo Roberto Padilha e Gustavo Belic Cherubine. Este texto retoma e desenvolve idéias tratadas no meu livro *Perspectivas atuais da Educação*.